Ao que tudo indica, Diégues Júnior ainda não considera definitivo o trabalho em sua feição atual, de modo que, em edição futura, tratará, por certo, de precisar e completar os elementos informativos, bem como de aprofundar a interpretação dos fenômenos. Tomará em consideração, em escala maior, os estudos especializados destes últimos dez ou quinze anos. Neste sentido será útil que reveja, por exemplo, à luz das recentes contribuições sobre a aculturação ameríndia, as páginas relativas ao que os índios nos legaram, que insista mais nos aspectos característicos e nos valores determinantes do "ethos" brasileiro, que discuta e comente as pesquisas há pouco realizadas sobre a situação racial nas diferentes regiões do País. Tudo isto evidentemente sem sacrificar o caráter popular do livro.

Como não há terminologia uniforme nem sequer entre os próprios antropólogos, o leitor comum sente, não raro, dificuldade em apreender o significado de termos técnicos, como aculturação, assimilação e integração de grupos alienígenas, raça e etnia, "ethos" cultural e tantos outros. E o autor parece empregar alguns deles como sinônimos, o que tornaria aconselhável uma definição de seu conteúdo. Aliás, nunca será demais acentuar, mesmo em obras de divulgação, o rigor metodológico indispensável às ciências humanas, principalmente por ser nelas mais difícil do que nas ciências naturais o enunciado e a colocação dos problemas, bem como o desenvolvimento dos trabalhos. Sugerimos também que em edição futura seja atualizada a bibliografia, a fim de que ela se torne fonte de informação segura para os que pretendam utilizá-la como ponto de partida para um estudo mais aprofundado do assunto.

Se fazemos essas observações, é porque desejamos ver o livro cada vez mais aperfeiçoado. Trabalhos como *Etnias e Culturas no Brasil* podem contribuir para a correção ou eliminação de estereótipos populares de base emocional, indicar ao público o alcance teórico e prático das pesquisas antropológicas e — talvez — dar a entender a alguns dos governantes responsáveis pela imigração e povoamento que já é tempo de se passar do plano da rotina empírica para uma política orientada segundo os resultados da ciência.

Egon Schaden

IRMGARD LANG: *Die Rassenverhältnisse Brasiliens*. Eine soziologische und sozialgeschichtliche Studie. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Hohen Philosophischen Fakultät der Johannes-Gutenberg-Universität Mainz. 618 págs., (hectogr.). Mogúncia, 1955

Enquanto, nestes últimos anos, cientistas brasileiros e estrangeiros, como Florestan Fernandes, Thales de Azevedo, Charles Wagley, Roger Bastide, Anatol H. Rosenfeld e outros, através de inúmeras pesquisas de campo, têm procurado elucidar a situação racial do Brasil, especialmente com referência ao negro, o Professor W. E. Mühlmann, eminente antropólogo da Universidade de Mogúncia, sugeriu o mesmo tema como objeto de uma dissertação puramente teórica, desligada da observação direta.

O trabalho, apesar de o título sugerir estudo mais amplo, se limita à situação do negro no Brasil. Irmgard Lang aborda o problema, do ângulo de uma sociologia empírica, em duas partes principais: na primeira, analisa a situação atual dos negros e mulatos na sociedade brasileira, examinando as categorias sócio-raciais, as relações raciais, as possibilidades

de ascensão dos homens de côr, a discriminação tal como se reflete na lei, e a reação dos homens de côr. Na segunda parte, investiga as diversas culturas do Brasil, separadamente e em sua interrelação, focalizando especialmente o problema do negro, seu lugar na estrutura social do Brasil e da África, e a perda da tradição africana. Uma introdução histórica relativa às condições vigentes em Portugal e às linhas mestras da formação do Brasil, bem como um resumo das conclusões da pesquisa completam a obra.

O resultado a que a autora chega após a investigação de tantos tópicos parciais consiste na tentativa de esclarecer, mais de perto, com referência à questão do negro, a fórmula: "Não há preconceito de côr no Brasil". A respeito disso, lemos: "As atuais relações interracializadas apresentam-se de forma muito complexa e podem ser entendidas somente após a elucidação dos dados intencionais que constituem o pano de fundo" (pág. 500); "elas são determinadas pela ambivalência das atitudes de ambos os lados, sendo que a idéia diretriz de uma democracia racial sem preconceitos, apoiada por medidas legais, produz uma atmosfera suportável para as duas partes. Há indícios de tensões mais fortes; mas o clima social não nos faz prever uma acentuação das tensões, como consequência de uma cismogênese simétrica e como única possibilidade de desenvolvimento. Não se pode dizer, por ora, até que ponto se concretizará a opinião de que o Brasil virá a constituir um povo homogêneo, com o moreno como tipo dominante; todavia, tal evolução de modo algum se afigura mera utopia. Um Brasil moreno dêse tipo teria solucionado, da maneira mais favorável, o seu problema racial" (pág. 523).

Tais conclusões certamente não têm o valor de surpreendente novidade. No entanto, obtido pelo recurso às numerosas obras relativas à mesma temática, o resultado reflete, em linhas gerais, o estado atual do problema. Se é verdade que a Antropologia não se vê enriquecida substancialmente por novos conhecimentos, por outro lado não foi esta a pretensão da autora.

E' indiscutível, porém, o valor funcional da obra para o leitor alemão. A riqueza do material exposto representa uma boa fonte de informações; a interpretação, segundo tópicos gerais e bem organizados, é sugestiva para o antropólogo. Realmente, em língua alemã e no âmbito da cultura alemã, nunca se escreveu sobre êsses problemas com igual conhecimento de causa.

Ao comentarista interessado nas qualidades da autora impressiona, antes do mais, o tipo de luta que ela trava com a complexa tarefa de reduzir a proposições válidas situações de um mundo situado aquém do horizonte europeu. Nisso, Irmgard Lang revela inteligência e personalidade científica. O momento de inteligência exigido em primeiro lugar por trabalhos dêse tipo é a "sagacidade" (ultrapassando o sentido que lhe dá Kant), como capacidade de localizar as fontes. Numa busca incansável, a autora conseguiu obter documentos essenciais da literatura científica e geral, tanto na Alemanha como em Portugal; ademais, soube aproveitar de forma ampla os seus contactos transoceânicos com cientistas residentes no Brasil. A cada elemento obtido nessa caça transformou-o, com meticulosidade conscienciosa, em tijolo do edifício científico, e disso dão testemunho quase 100 páginas de notas bibliográficas. Ainda assim, não se perdeu a coerência e a unidade da exposição.

No entanto, o que se afigura problemático é a circunstância de a tarefa ter sido empreendida como "arm-chair work". Apesar de toda a ca-

pacidade de superar a falta de contacto directo com a realidade brasileira, a autora não logrou eliminar tôdas as desvantagens de tal posição. Por mais que se esforçasse, não teve acesso a uma parte da literatura, e as obras utilizadas nem sempre o são com as necessárias restrições críticas. E' quase inevitável que isso ocorra em trabalho realizado longe do campo. Em etnias estranhas, as fontes bibliográficas se revestem de significado diverso do que lhe é atribuído na própria etnia e a apreciação adequada só pode decorrer do trato imediato. Ademais, a falta de contacto com a realidade em aprêço não raro tem efeito negativo na interpretação do material, já que o intérprete não tem, para orientá-lo, a visão da configuração total da cultura estranha. Todos êsses momentos evidentemente induzem a deformações. Nota-se, por exemplo, uma injustificada supervalorização de autores como Oliveira Vianna e Gilberto Freyre. Estereótipos como "mazombo" pertencem à história e já não desempenham nenhum papel na realidade lingüística. Na formulação de leis gerais, em que pese tôda a cautela, a autora não leva na devida conta as peculiaridades regionais. Não reconheceu, na medida necessária, a verdade da frase de Lourenço Filho, citada a certa altura, de que não há um Brasil e sim muitos Brasis. Muito problemáticas — e só explicáveis pela falta de contacto com a realidade brasileira — são as idéias de um futuro Brasil moreno, cuja possibilidade não é considerada como mera utopia. Tal concepção — reliquia do pensamento de Martius — não tem sequer base genética.

A questão que se levanta em face de tais reflexões é, de forma geral, a seguinte: até que ponto se podem aceitar, nos dias que correm, estudos empírico-sociológicos como mero trabalho de gabinete? O orientador da tese, que neste caso é atingido pela crítica em face das consequências quase inevitáveis de tal tipo de trabalho, poderia apresentar um argumento prático, o de que diante da deficiência dos conhecimentos no âmbito de um país é preferível realizar algo com recursos insuficientes, a não fazer nada. Afinal, o trabalho de gabinete não pode ser posto em dúvida como possibilidade. A visão do campo à distância permite, por vêzes, uma apreensão mais fiel do objeto do que a visão de dentro do próprio campo. Aliás, a realização de Irmgard Lang não constitui uma prova contra êsse método de trabalho. Por outro lado, a justificação tem seu lado problemático numa época de tão intensas comunicações pelo globo terrestre, salvo se nos referimos a casos excepcionais (como a descrição das pontes de Londres, por Kant, ou a caracterização de países estranhos, por Wappäus).

A autora merece que se confie em suas futuras realizações. Cumpriria oferecer-lhe oportunidade para realizar pesquisas de campo no Brasil, a fim de que possa eliminar as deficiências de seu trabalho.

E. A. von Buggenhagen

FRIEDRICH SCHNEIDER: *Triebkräfte der Pädagogik der Völker*. Eine Einführung in die vergleichende Erziehungswissenschaft. 503 págs. Otto Müller Verlag. Salzburgo, 1947.

O objetivo da Pedagogia Comparada é, em primeiro lugar, responder a questões pedagógicas especiais (idiográficas) pela comparação de fenômenos de ordem cultural geral ou propriamente pedagógica, do pre-